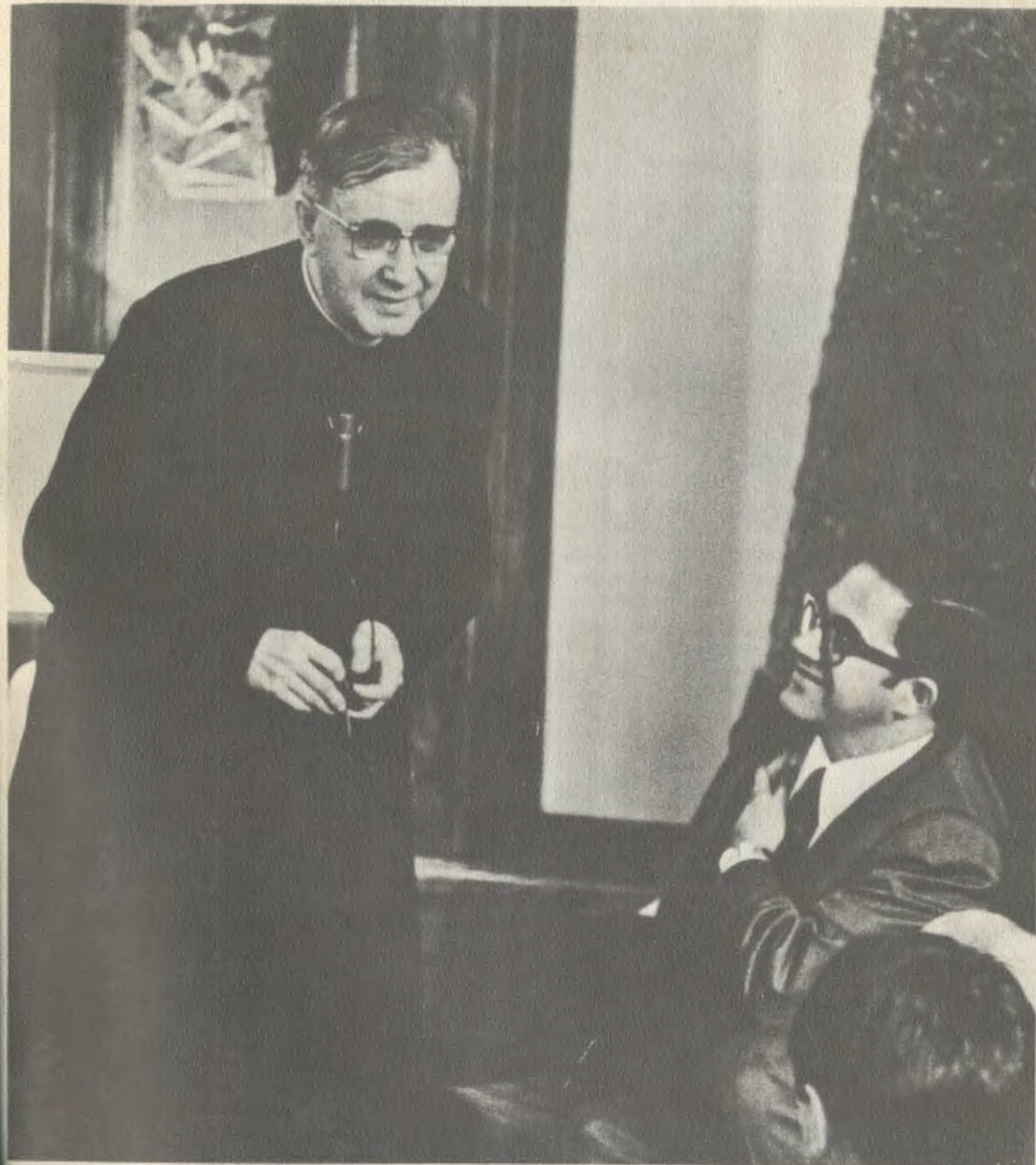


Gráficos CHESTERMAN



VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI NO BRASIL, Av. Prof. Alfonso Bovero, 239.
CEP — 01254, São Paulo, S.P.

Esta FOLHA INFORMATIVA publica-se com censura eclesiástica

JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER

Fundador do Opus Dei

FOLHA INFORMATIVA Nº1. SÃO PAULO

Fiat, adimpleatur

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás nasceu em Barbastro (Espanha) no dia 9 de janeiro de 1902. Fez o secundário em Barbastro e Logroño, e os estudos eclesiásticos na Universidade Pontifícia de Saragoça, onde se licenciou em Sagrada Teologia. Mais tarde, em Roma, obteria o grau de Doutor.

Fez o curso de Direito civil na Universidade de Saragoça, e depois doutorou-se na Universidade de Madrid. Em 1960, recebeu o grau de Doutor honoris causa em Filosofia e Letras, pela Universidade de Saragoça. Foi o primeiro Grão-Chanceler das Universidades de Navarra, na Espanha, e de Piura, no Peru.

Ordenado sacerdote no dia 28 de março de 1925, iniciou a sua atividade pastoral em paróquias rurais e, desde 1927, entre os pobres e enfermos dos subúrbios e dos hospitais de Madrid. Alguns anos mais tarde, foi nomeado Reitor do Real Patronato de Santa Isabel, também em Madrid, cargo que desempenhou até 1946, ano em que transferiu a sua residência para Roma.

Foi Consultor de diversas Comissões Pontifícias e Congregações da Santa Sé, Prelado Doméstico de Sua Santidade e membro da Pontifícia Academia Romana de Teologia.

A 2 de outubro de 1928, em Madrid, tinha fundado o Opus Dei, caminho de santificação no meio do mundo e fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. Em 14 de fevereiro de 1930, Mons. Escrivá de Balaguer fundou a Secção feminina do Opus Dei; e em 14 de fevereiro de 1943, dentro do Opus Dei, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. O Opus Dei recebeu a aprovação definitiva da Santa Sé em 16 de junho de 1950.

Com oração e penitência constantes, e com uma dedicação contínua e incondicional à Vontade de Deus, o Padre — como o chamam suas filhas e seus filhos, e outros muitos milhares de pessoas de todas as condições — impulsionou e guiou a expansão do Opus Dei por todo o mundo, ao longo de quarenta e sete anos. Quando seu Fundador entregou a alma a Deus, o Opus Dei estava já estendido pelos cinco continentes e contava com mais de 60.000 sócios de 80 nacionalidades.

A Santa Missa era a raiz e o centro da vida interior do Fundador do Opus Dei. O profundo sentido da sua filiação divina levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a viver uma terna e forte devoção à Santíssima Virgem e a São José, a cultivar um trato habitual e confiante com os Santos Anjos da Guarda, e a ser sementeiro de paz e de alegria por todos os caminhos da terra.

Mons. Escrivá de Balaguer tinha oferecido repetidas vezes a sua vida pela Igreja e pelo Romano Pontífice. O Senhor acolheu esse oferecimento, e o Padre entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de junho de 1975, no seu quarto de trabalho, com a mesma simplicidade que caracterizou toda a sua existência.

Seu corpo repousa na Cripta do Oratório de Santa Maria da Paz — Viale Bruno Buozzi 75, Roma —, continuamente acompanhado pela oração e pelo agradecimento de suas filhas e seus filhos, e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e pelos ensinamentos do Fundador do Opus Dei.

No dia 26 de junho de 1975, ao meio dia em ponto, suavemente — **sem dar trabalho**, como ele queria —, abandonou a terra Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás que, por desígnio divino, tinha sido o Fundador e o Primeiro Presidente Geral do Opus Dei. Naqueles instantes, muitos homens e mulheres rezavam pausadamente o *Angelus*, interrompendo as suas ocupações para contemplar o inesgotável mistério da Encarnação do Verbo.

O Padre — como o chamavam muitos milhares de pessoas — estava no Céu.

Em poucas horas, a notícia correu o mundo. Os meios de comunicação a deram a conhecer em muitos idiomas e, no interior daquelas almas a quem ele tanto queria, as lágrimas converteram-se em oração. Parecia ressoar uma voz que dizia, como São Paulo a Timóteo, com a força dos fatos: *Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi* (II Tim., IV, 7); combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé!

No começo de cada ano, na primeira página do calendário litúrgico de que se serviria para a celebração da Santa Missa e para recitar o Ofício Divino, costumava escrever: **in laetitia, nulla dies sine cruce!**; com alegria, nenhum dia sem cruz. Com esta jaculatória queria aceitar generosamente, de antemão, as dores com que o Senhor quisesse prová-lo nos doze meses que começavam. No último calendário, como que prevendo a sua morte, quebrou esse costume e escreveu uma frase que tinha repetido milhares de vezes: **Fiat, adimpleatur...**; faça-se, cumpra-se... Em *Caminho* (cfr. n.º 691), animava a dizer, perante a tribulação ou as contrariedades, **muito devagar, como que saboreando, esta oração forte e viril: “Faça-se, cumpra-se, seja louvada e eternamente glorificada a justíssima e amabilíssima Vontade de Deus sobre todas as coisas...”**. E acrescentava: **Eu te garanto que alcançarás a paz**. Não se passariam seis meses sem que, como diziam os primeiros cristãos, chegasse o seu *dies natalis* e alcançasse aquela paz que não termina nunca.

O Dr. Álvaro del Portillo, que foi quem, porque Deus assim o quis, esteve mais perto de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer durante os últimos

Capa: Mons. Escrivá de Balaguer numa tertúlia no Colégio Maior Aralar (Pamplona), em outubro de 1972.

quarenta anos da sua vida — e que é agora o seu sucessor como Presidente Geral do Opus Dei — escreveu: *O Padre sempre acreditou em Deus com uma fé heróica. Tão firme era a sua fé, que costumava repetir que quase não precisava dela, porque via Deus em tudo. Era tão sólida, que graficamente tinha explicado, também mais de uma vez, que a sua fé era tão espessa que se podia cortar. Por isso devemos recordar, com toda a segurança, aquelas palavras do Senhor: etiam si mortuus fuerit, vivet. Et omnis qui vivit et credit in me, non morietur in aeternum. O Padre vive e, porque acreditou com amor imenso, viverá para sempre. É o que ele nos tinha pregado em tantas ocasiões: que, para nós, a morte não significa mais que uma mudança de casa. O nosso Padre está com Deus, na Casa do Céu.*

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer não morreu: vive, e para todos os seus filhos, *converteu-se em realidade aquela afirmação sua* — tal como recorda também o Dr. Álvaro del Portillo — *feita em vários países da América, quando lhe pediam que voltasse: Voltarei, e então ficarei.*

Esta *Folha informativa* quer ser porta-voz periódico de acontecimentos da vida do Fundador do Opus Dei, que já são história, e da força com que o seu espírito continua a ter uma atualidade fecunda. Aqui se relatarão trechos da sua vida e da sua doutrina e poderão ler-se testemunhos de almas que, em todo o mundo, foram e são transformadas pelo zelo heróico da sua alma sacerdotal.

SOBRE A ETERNIDADE

TEXTOS DE MONSENHOR ESCRIVÁ DE BALAGUER

Este mundo, meus filhos, nos foge das mãos. Não podemos perder o tempo, que é curto. É preciso que nos empenhemos de verdade na tarefa da nossa santificação pessoal e do nosso trabalho apostólico, que o Senhor nos encomendou; é preciso *gastá-lo* fielmente, lealmente, administrar bem — com sentido de responsabilidade — os talentos que recebemos.

Compreendo muito bem aquela exclamação que São Paulo escreve aos de Corinto: *tempus breve est!*, como é breve a duração da nossa passagem pela terra! Para um cristão coerente, estas palavras ressoam no mais íntimo do seu coração como uma censura perante a falta de generosidade, e como um convite constante para que seja leal. Verdadeiramente, é curto o nosso tempo para amar, para dar, para desagrar.

Para nós, a morte é Vida. Mas temos de morrer velhos. Morrer jovem é *antieconômico*. Quando tivermos dado tudo, então morreremos. Entretanto, vamos trabalhar muito e por muitos anos. Estamos dispostos a ir ao encontro do Senhor quando Ele quiser, mas pedimos-Lhe que seja tarde.

Temos de desejar viver, para trabalhar por Nosso Senhor e para querer bem a todas as almas: de todas as raças, de todas as línguas, de todas as nações. Somos todos irmãos, somos filhos de Deus e, infelizmente, há tantos que, em vez de semearem amor, semeiam o ódio... Vedes a necessidade de que vivamos muitos anos, semeando sempre um grande amor à convivência?

Mas se nós não morremos! Mudamos de casa e nada mais. Com a fé e o amor, nós os cristãos temos esta esperança; uma esperança certa. Não é mais que um *até logo*. Deveríamos morrer despedindo-nos assim: até logo!

Deus não se comporta como um caçador, que espera pelo menor descuido da caça para desferir-lhe um tiro. Deus é como um jardineiro, que cuida das flores, as rega e as protege; e só as corta quando ficam mais belas, cheias de viço. Deus leva as almas quando estão maduras.

Vamos pensar no que será o Céu. *Nem olho viu, nem ouvido ouviu, nem passaram pelo pensamento do homem as coisas que Deus preparou para os que o amam*. Imaginamos o que será chegar ali, e encontrar-nos com Deus, e ver aquela formosura, aquele amor que se derrama sobre os nossos corações, que sacia sem saciar? Eu me pergunto muitas vezes ao dia: o que será quando toda a beleza, toda a bondade, toda a maravilha infinita de Deus se derramar sobre este pobre vaso de barro que sou eu, que somos todos nós? E então compreendo bem aquela frase do Apóstolo: *nem olho viu, nem ouvido ouviu...* Vale a pena, meus filhos, vale a pena.

Os que se amam, procuram ver-se. Os enamorados só têm olhos para o seu amor. Não é lógico que seja assim? O coração humano sente esses imperativos. Mentiria se negasse que me move tanto a ânsia de contemplar a face de Jesus Cristo. *Vultum tuum, Domine, requiram*, procurarei, Senhor, o teu rosto. Faz-me feliz fechar os olhos e pensar que chegará o momento, quando Deus quiser, em que poderei vê-Lo, *não como num espelho, e sob imagens obscuras... mas face a face*. Sim, filhos, meu coração está sequioso de Deus, do Deus vivo. Quando virei e verei a face de Deus?

Dois de Outubro de 1928

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer teve os primeiros *vislumbres* de que Deus queria alguma coisa dele em 1917, quando tinha quinze anos. Deus Nosso Senhor valeu-se de um acontecimento insignificante para sacudir a sua alma.

Sua família vivia então em Logroño, na rua Sagasta, numa casa que faz esquina com a Rúa Vieja, bem próxima da ponte de ferro sobre o rio Ebro. Ia todos os dias ao colégio, que ficava na rua Marquês de Murrieta, com entrada pela rua Salmerón. Passava pela rua Ancha, e num dia em que a cidade estava coberta pelo frio manto da neve, a meio do caminho, na altura do então Colégio dos Irmãos Maristas, viu as pegadas dos pés descalços de um Carmelita que caminhava sobre a neve. Era um fato banal. Mas as marcas daquelas pisadas penetraram na sua alma jovem e fizeram-lhe pensar no que um homem era capaz de fazer por amor a Deus.

Acodem ao meu pensamento tantas manifestações do Amor de Deus naqueles anos da minha adolescência — diria mais tarde, evocando aquelas recordações —, **quando tinha vislumbres de que o Senhor queria alguma coisa de mim, alguma coisa que eu não sabia o que era. Acontecimentos e pormenores comuns, aparentemente inocentes, de que Ele se valia para meter na minha alma essa inquietação divina.**



Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer, seminarista em Saragoça, 1923.

Por isso compreendi muito bem aquele amor tão humano e tão divino de Teresa do Menino Jesus, que se comove quando por entre as páginas de um livro vê assomar uma estampa com a mão ferida do Redentor. Comigo também aconteceram coisas semelhantes, que me sacudiram e me leva-

ram à comunhão diária, à purificação, à confissão e à penitência.

Onze anos se passariam, após aquele episódio ocorrido em Logroño, até que ficasse a saber claramente qual era o querer de Deus. Durante esses anos, Josemaría termina o curso secundário e inicia os estudos eclesiásticos na mesma cidade de Logroño. Depois vai para Saragoça e faz o curso de doutorado em Teologia na Universidade Pontifícia. Anos mais tarde apresentaria em Roma a correspondente tese de doutoramento. Alterna os estudos eclesiásticos com o curso de Direito. Recebe a ordenação sacerdotal e

começa a exercer o seu ministério, primeiro em Saragoça e depois em Madrid.

A sua vida interior vai-se tornando cada dia mais amadurecida e profunda. Gosta de contemplar Deus feito homem, tal como no-lo apresentam os Evangelhos.

Um dia, na sua meditação pessoal, pousa os olhos na passagem que narra a história de Bartimeu (Mc. X, 46-52) e ouve o Senhor perguntar a esse cego de nascença: *Quid tibi vis faciam?*, que queres que eu te faça?, e escuta a resposta de Bartimeu: *Rabboni, ut videam!*, Mestre, que eu veja. **Não posso deixar de recordar** — dir-nos-á na sua homilia “Vida de fé”



“Desde que Monsenhor Escrivá de Balaguer teve os primeiros vislumbres de que o Senhor queria alguma coisa dele, alguma coisa que ele não sabia o que era, começou a pedir luz para conhecer a vontade de Deus — ut videam!, que eu veja! —, e repetia uma invocação cheia de confiança, para que se realizasse isso que o Senhor queria: Domine, ut sit!, Senhor, que seja! Em 1960, levaram-lhe a Roma esta imagem em gesso da Virgem do Pilar. Quando o Fundador do Opus Dei ainda estava no Seminário, na festa das Mercês de 1924, tinha gravado na base do pedestal da imagem esta jactatória: Domina, ut sit! Senhora, que seja! A imagem conservou-se em Saragoça, na casa de uns parentes, e ele a tinha esquecido por completo. É uma manifestação comovente da sua oração de tantos anos, antes de que nascesse o Opus Dei.



Residência dos Lazaristas e Basilica da Milagrosa, na rua Garcia de Paredes, Madrid, tal como era em 1928.

— que, ao meditar nesta passagem, há já muitos anos, ao compreender que Jesus esperava alguma coisa de mim — algo que eu não sabia o que era —, fiz as minhas jaculatórias. Senhor, que queres? Que me pedes? Pressentia que me procurava para algo de novo e aquele *Rabboni, ut videam!* — Mestre, que eu veja — levou-me a suplicar a Cristo, numa oração contínua: Senhor, que se realize isso que Tu queres.

No dia 2 de outubro de 1928, nasceu o Opus Dei.

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer tinha apenas vinte e seis anos e era sacerdote desde 28 de março de 1925.

Naquele 2 de outubro, estava passando uns dias de retiro em Madrid, na residência dos Missionários de São Vicente de Paulo (Lazaristas), na rua Garcia de Paredes, esquina com a rua Modesto Lafuente, junto da Basilica da Milagrosa. Era a festa dos Santos Anjos da Guarda. Nesse dia, fez-se luz clara na sua inteligência, e as ânsias do seu cora-

ção, inquieto durante anos, tiveram uma resposta cabal. Ouviam-se os sinos da igreja de Nossa Senhora dos Anjos, que repicavam, lá longe, lançados ao vento: Nunca deixaram de soar nos meus ouvidos, diria muitos anos mais tarde.

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer é agora o Fundador do Opus Dei: a Vontade de Deus era que dedicasse a sua vida a promover a plenitude da vida cristã entre homens que vivem no meio do mundo, entregues às mais diversas ocupações e trabalhos. O divino Semeador, Jesus, tinha deixado cair a semente na sua alma, de modo patente e claro.

Anos mais tarde, dirigia uma meditação — era a sua oração pessoal vasada em palavras — numa festa dos Santos Anjos da Guarda: É razoável — dizia — que vos dirija umas palavras no dia de hoje, quando começo um novo ano da minha vocação para o Opus Dei. Eu era então um rapaz jovem, como muitos de

vós; vinte e seis anos, e bom humor; não tinha outra coisa. Se tivesse sabido tudo o que estava por vir, teria morrido.

O Senhor quis colocar esta semente maravilhosa da sua Obra no coração daquele pobre sacerdote, para que começasse na obscuridade, sem ruído, mas decididamente, teimosamente. Porque o Senhor — diz a Escritura — *escolheu os néscios segundo o mundo para confundir os sábios; escolheu os fracos do mundo para confundir os fortes, e as coisas vis e desprezíveis do mundo, e aquelas que não eram nada, para destruir as que são* (I Cor., I, 27-28); e certamente busca também instrumentos que, dentro da sua pequenez, tenham os suficientes defeitos para poder tirar-lhes proveito, para que se possa ver mais claramente que a Obra é sua.

Aquela festa dos Santos Anjos da Guarda foi uma presença constante na vida de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer. Certa vez interrogava-se em voz alta, diante dos que eram seus filhos: Padre, realmente a Obra começou no dia 2 de outubro de 1928? E teve esta resposta: Sim, meu filho, começou-se no dia 2 de outubro de 1928. Desde esse momento, já não tive *tranquilidade nenhuma*, e comecei a trabalhar, com pouca vontade, porque eu resistia a meter-me a fundar coisa alguma; mas comecei a trabalhar, a mexer-me, a fazer: a colocar os alicerces.

Pus-me a trabalhar, e não era fácil: as almas escapavam como escapam as enguias na água. Além disso, havia a incompreensão mais brutal: porque o que hoje é doutrina comum no mundo, então não o era. E se alguém afirma o contrário, desconhece a verdade.

Tinha eu vinte e seis anos — repito —, a graça de Deus e bom humor: e mais nada. Mas assim como nós os homens crescemos com a pena, o Senhor escreve com a pata da mesa, para que se veja que é

Ele quem escreve: isso é o incrível, isso é o maravilhoso. Era preciso criar toda a doutrina teológica e ascética, e toda a doutrina jurídica. Encontrei-me com uma solução de continuidade de séculos: não havia nada. A Obra inteira, aos olhos humanos, era um enorme disparate. Por isso alguns diziam que eu estava louco e que era um herege, e muitas coisas mais.

O Senhor dispôs os acontecimentos para que eu não contasse nem com um centavo, para que também assim se visse que era Ele. Pensai como fiz sofrer os que viviam ao meu redor! É justo que dedique aqui uma lembrança aos meus pais. Com que alegria, com que amor enfrentaram tanta humilhação! Era preciso triturar-me, como se esmaga o trigo para preparar a farinha e poder fazer o pão; por isso, o Senhor me atingia naquilo que eu mais amava... Obrigado, Senhor! Porque esta fornada de pão maravilhoso já está difundindo o *bom odor de Cristo* (II Cor., II, 15) no mundo inteiro: obrigado por estes milhares de almas que estão glorificando a Deus por toda a terra. Porque todos são teus.

Três dias após a sua morte, o Dr. Álvaro del Portillo escrevia estas palavras: *Para este ano, tinha-nos sugerido que invocássemos o Senhor com a mesma jaculatória daqueles anos de vislumbres divinos: Domine, ut videam!, ut videamus!, ut videant! Ânã de luz de Deus, para ele, para cada um de nós; pedido de luz divina para todos os homens, para que soubessem descobrir os caminhos divinos da terra. Terminou a sua vida no mundo com a mesma oração com que, na sua adolescência, se preparava para cumprir heroicamente o que Deus quisesse dele.*



Sob o seu impulso espiritual

Com a sua fidelidade heróica à Vontade divina, com oração e mortificação incessantes, e com um trabalho cheio de esperança a serviço da sua missão, Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer inspirou e dirigiu, durante 47 anos, o desenvolvimento apostólico do Opus Dei em todo o mundo.

A principal tarefa da Obra é a formação dos seus sócios para que cada um realize, individualmente, o seu trabalho apostólico de cristão no mundo e na sociedade.

... o apostolado essencial do Opus Dei — são palavras do seu Fundador — é o que cada sócio realiza individualmente no lugar em que trabalha, com sua família, entre seus amigos. Uma atividade que não chama a atenção, que não é fácil de traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas, que vão seguindo a Cristo, silenciosa e eficazmente, no meio da atividade profissional de todos os dias (Questões Atuais do Cristianismo, n.º 71).

No entanto, tal como ele mesmo respondia à pergunta de um jornalista: Além disso, o Opus Dei, como corporação, promove, com o concurso de um grande número de pessoas que não estão associadas à Obra — e que muitas vezes não são cristãs —, trabalhos corporativos, com que procura contribuir para a resolução dos problemas que o mundo atual enfrenta: centros educativos, assistenciais, de promoção e capacitação profissional, etc. (Questões Atuais do Cristianismo, n.º 84).

Aqui iremos recordando, de forma necessariamente breve, algumas das muitas obras apostólicas, com as mais diversas características, conforme as necessidades do lugar ou do momento, que nasceram sob o impulso espiritual do Fundador do Opus Dei.

centro elis ROMA

Às sete e meia da tarde do dia 21 de novembro de 1965, sob o céu romano coberto de nuvens, uns refletores iluminavam os edifícios do Centro ELIS e da igreja paroquial de São João Batista. Muitas pessoas traziam tochas acesas, e à sua luz formava-se como que um caminho simbólico de carinho filial e de veneração para com Paulo VI, que tinha



querido inaugurar aquelas iniciativas apostólicas.

Na tépida noite romana, com as portas do Centro ELIS abertas de par em par, Monsenhor Escrivá de Balaguer esperava junto ao carro do Papa para se despedir de Paulo VI e agradecer-lhe pelas três longas horas que havia passado naquela obra corporativa do Opus Dei no bairro do Tiburtino.

— **Quis esperá-lo de joelhos** — comentou na manhã seguinte Monsenhor Escrivá de Balaguer —, **como um sacerdote que ama com loucura o Papa e a Igreja Católica.**

Mas o Romano Pontífice levantou-o e quebrou o protocolo com um abraço prolongado, cheio de carinho. Apoiando as suas mãos nos ombros do Fundador do Opus Dei, disse: *Tutto, tutto qui è Opus Dei.* Aqui, tudo, tudo é Opus Dei.

O projeto do Centro ELIS — Educazione, Lavoro, Istruzione, Sport — nas-

ceu sob o Pontificado do Papa João XXIII. Por sugestão do então substituto da Secretaria de Estado, Monsenhor Angelo Dell'Acqua, Sua Santidade João XXIII decidiu que os fundos reunidos para honrar Pio XII por ocasião do seu octogésimo aniversário, fossem destinados a uma obra social na periferia romana, carecida de atividades assistenciais e educativas. O Papa resolveu entregar a realização e a direção do projeto a sócios do Opus Dei.

O Centro — contíguo à paróquia de São João Batista no Colatino, confiada a sacerdotes do Opus Dei — compõe-se de um conjunto de edifícios residenciais e escolares, e de uma ampla zona esportiva. As diversas funções do Centro podem ser sintetizadas assim:

FORMAÇÃO PROFISSIONAL. Leva-se a cabo na Escola de Ensino Médio, diurna e noturna, e no Centro de Treinamento profissional destinado à especialização de trabalhadores em eletromecânica e desenho industrial.



PROMOÇÃO CULTURAL NO BAIRO. Realiza-se nas instalações da residência, mediante atividades para jovens e adultos e uma Biblioteca popular.

EDUCAÇÃO ESPORTIVA. As diferentes secções do Grupo Esportivo formam os rapazes para a prática das diversas modalidades de esporte.

ALBERGUE DE JUVENTUDE. Em ambiente familiar, oferece alojamento a grupos de trabalhadores e estudantes de todo o mundo, que chegam a Roma para participar de Congressos e assembléias ou para visitar a Cidade Eterna.

Independentemente destas atividades, a Secção feminina do Opus Dei dirige a **SCUOLA ALBERGHIERA FEMMINILE INTERNAZIONALE**, que desenvolve cursos de habilitação profissional para a indústria hoteleira ou para o trabalho em casas de família.

Todas as pessoas relacionadas com o Centro ELIS — professores, alunos, pais — recebem uma formação humana e cristã que as prepara para enfrentar com maturidade as suas responsabilidades profissionais, familiares e sociais. As atividades especificamente religiosas estão organizadas de maneira que os alunos possam participar delas com toda a liberdade, dentro de um clima de responsável decisão individual.

Um das palavras de Paulo VI, naquele 21 de novembro de 1965, refletem claramente os fins que os sócios do Opus Dei — animados pelo espírito apostólico do seu Fundador — têm em vista com o seu trabalho no Tiburtino:

É uma obra do coração, é uma obra de Cristo, é uma obra do Evangelho; toda ela orientada em benefício dos que a utilizam. Não é um simples albergue, não é uma simples oficina ou uma simples escola, não é um campo esportivo qualquer: é um centro em que a amizade, a confiança, a alegria, constituem o ambiente; onde a vida encontra a sua dignidade própria, o seu sentido autêntico, a sua verdadeira esperança; é a vida cristã, que aqui se afirma e se desenvolve e que aqui quer demonstrar na prática muitas coisas de interesse para o nosso tempo.

Naquela mesma ocasião, o Presidente Geral do Opus Dei resumiu quais haviam sido os desejos da Associação ao aceitar da Santa Sé a incumbência de criar o Centro ELIS: **O Opus Dei acolheu com particular agradecimento esta incumbência de formação profissional, humana e cristã da juventude trabalhadora: não só porque, como costume repetir, o Opus Dei quer servir a Igreja como a Igreja quer ser servida, mas também porque a tarefa que lhe é confiada corresponde perfeitamente às características espirituais e apostólicas da nossa Obra. Com efeito a Obra, tanto na formação dos seus sócios, como na prática dos seus apostolados, tem como fundamento a santificação do trabalho profissional de cada um.**

Escrevem-nos

NÃO FOI PRECISO OPERAR

Dois dias após a morte de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer, uma moça, M.C., de um salão de beleza, disse-me que estava muito triste porque haviam dito a seu pai, D.C.P., que ia perder um olho devido a uma pancada que recebera e que lhe havia causado o descolamento da retina, e que mesmo com a operação não lhe davam esperanças. Eu então, com a certeza da santidade de Monsenhor Escrivá de Balaguer, e sabendo que está muito perto de Deus, disse-lhe que lhe pedisse com muita fé, como ele próprio nos ensinou, não a pedir, mas a dizer: quero que me faças isto, como quando um menino pede alguma coisa a seu pai, tendo a certeza de que o fará; e pediu-lhe, e, com o tratamento que começaram a dar a esse senhor para prepará-lo para a operação, começou a ficar bom, e está-se recuperando, sem necessidade de operação.

(M. de L. A., de G. de México, D. F.)

O TESTEMUNHO DAS RADIOGRAFIAS

No dia 2 de setembro último, um amigo meu, médico, contou-me, enquanto se recuperava de uma delicada operação cirúrgica, que tinha tido uma grave complicação pulmonar que afetava os dois pulmões e que era especialmente perigosa no pulmão esquerdo: pedira ao Senhor a sua cura por intercessão de Monsenhor Escrivá de Balaguer e após quarenta e oito horas a doença desapareceu. Em sua opinião, tratava-se de uma cura extraordinária que não tinha explicação médica. “Não é auto-sugestão — disse-me —, porque as radiografias o demonstram. Mas — acrescentou —, o mais importante é a sacudida interior que experimentei. Daqui em diante, quero orientar a minha vida para Deus, ser mais exigente comigo mesmo e preocupar-me mais com os outros”.

(X. X., de Madrid)

A MISSA DO DOMINGO

A. de I. contou-me que estava tendo dificuldades para ir à Missa aos domingos, pois o seu marido gosta de passar os fins de semana no litoral e regressavam muito tarde. Ocorreu-lhe pedir a Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer que o problema se resolvesse de algum modo.

Naquele dia, quando o marido chegou, disse-lhe que passara por uma igreja para pedir por um amigo que estava doente e que tinha prometido ao Senhor nunca mais faltar à Missa aos domingos.

(M. D. M. R., de São Salvador)

ANTES DO CASAMENTO

Minha irmã ia casar-se e meu cunhado, que é mecânico, não queria confessar-se para receber o Sacramento do Matrimônio. Chegou até a dizer que comungaria sem se confessar. Eu tratei de fazer-lhe ver que, se o fazia sem estar em Graça, cometeria um sacrilégio.

Quando soube do falecimento de Monsenhor Escrivá de Balaguer, encomendei-lhe o caso, pois estava certa de que está no céu. No dia 28, de manhã, meu cunhado foi confessar-se.

(A. P. M., de Palma de Maiorca)

COMEÇOU A ANDAR

D. A. M. S. nasceu em 1969 afetada pela rubéola que sua mãe contraíra durante a gravidez, causando-lhe raquitismo ósseo, retardamento mental e paralisia infantil parcial.

Quando tinha dois anos, os médicos diagnosticaram “impossibilidade de andar devido a paralisia infantil parcial e retardamento mental”.

Quando a menina fez quatro anos, tentou-se interná-la num centro de Reabilitação de Caracas, mas foi preciso interromper o tratamento por falta de recursos econômicos e por morar longe do Centro Hospitalar.

A partir de fevereiro de 1973 deixou de ter qualquer tratamento médico, e toda a confiança se pôs em Deus, oferecendo a doente ao “Santo Menino da Cuchilla”, de Zea, advocação muito venerada neste pequeno povoado andino do Estado de Mérida. Os pais tinham uma fé simples, mas forte, como todos os camponeses desta parte da Venezuela.

Como viviam perto de uma escola agrária dirigida por professores que pertencem ao Opus Dei, chegaram a conhecer o espírito da Obra e a querer ao seu Fundador, Monsenhor Escrivá de Balaguer.

Com a morte de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer no dia 26 de junho de 1975, a fé e o carinho desta família levam-na a pedir que interceda por sua filha diante de Deus.

A oração do pai foi: “Monsenhor, tu que tanto pregaste Deus no mundo e agora certamente estás junto dEle, se podes, ajuda-me e intercede pela cura da minha filha D. diante de nosso Pai Deus”.

A maior surpresa para esta família foi no dia 3 de julho de 1975, às 10 da manhã, quando a menina, que estava sentada no chão, como sempre, pediu com gestos e com as suas poucas palavras que lhe calçassem uma “cotisas”, nome popular de alpargatas entre os camponeses venezuelanos. Sua mãe disse-lhe então: “Se andas, calço-te as tuas e levo-te ao pátio”. “Eu ando ma...”, respondeu a menina. A mãe colocou-lhe as sapatilhas e a menina, sem nunca o ter feito antes, porque era incapaz de manter o equilíbrio, começou a andar.

Depois, continuou a andar sem ajuda por toda a casa e praticamente durante todo o dia. De todos, a mais contente era ela; gostou de andar e estava alegre. É preciso dizer que, sempre que via os outros meninos brincarem, ficava triste por não poder fazer o mesmo.

Agora está com mais força e anda cada vez melhor.

Os pais estão plenamente convencidos de que Deus lhes concedeu essa graça por intercessão de Monsenhor Escrivá de Balaguer.

(X.X., de Aldea La Sanjuana, Município de San Juan de Colón)

SALVOU-ME A VIDA

O Sr. J. B. B. — pai de um bom amigo meu — foi trazido de avião a Santiago para ser operado de um coágulo numa perna. Ao chegar ao hospital, reconheceu-me imediatamente como amigo do seu filho, e eu lhe fiz chegar uma estampa em que se pede pela glorificação de Mons. Escrivá de Balaguer.

Segundo soube depois, colocou a estampa no bolso do pijama e não se separou dela. No dia 26 de fevereiro passado, escreveu-me: “O médico que me operou disse-me poucos dias depois da operação: — O senhor

acredita em milagres? — Por quê, doutor? — Porque o fato de o senhor estar vivo e com esperanças de recuperação é um milagre. O mesmo me disseram dois ou três médicos daqui”.

“Conto-lhe isto — termina a carta — porque estou profundamente convencido de que você ajudou para que o milagre se realizasse, mandando-me no dia da minha chegada a estampa de Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás, que indubitavelmente interveio para me salvar a vida”.

(B. B. L., de Santiago do Chile)

A FILHA DA PORTEIRA

Quero comunicar um favor obtido por intercessão de Monsenhor Escrivá de Balaguer.

Faz três anos que minha filha acabou os seus estudos, e desde então andávamos procurando-lhe um trabalho, pois nos era muito necessário. Rezei muito, mas não consegui nada. Quando o Padre morreu, um sacerdote da Obra deu-me a estampa com a oração para a devoção privada. Fiz a novena pedindo ao Padre, com muita fé, que encontrasse um trabalho para minha filha, e exatamente no fim da novena encontrei-o, e além disso muito bom. Estou muito agradecida e por isso quis comunicá-lo. Conheço a Obra porque sou porteira de uma casa onde tem um centro.

(J. C. A., de Cádiz)

MAIS DE UM ANO SEM TRABALHO

O que vou escrever aconteceu comigo. Faz mais de um ano, meu marido ficou sem trabalho. Desde então, tentamos encontrar outro, mas foi inútil; parecia um mistério. Não havia maneira. Tendo em conta que os empregos estão muito mal, comecei a fazer orações e promessas, mas nada, até que me dei por vencida: tudo era inútil.

No dia 26 de junho, soube da morte de Monsenhor Escrivá de Balaguer no momento em que estava passando o telejornal. Deu-me muita pena, pois era tão bom e santo.

Mas pensei: está no céu. Então supliquei-lhe com humildade: Padre, ajuda-me, pede ao Senhor por mim; faz com que apareça um trabalho para o meu marido, peço-te com todo o coração, confio em ti; e todos os dias lhe suplicava, lhe rezava e lhe ofereci uma Missa. Tinha o pressentimento de que me ia ajudar, e assim foi.

No dia 30 recebemos um telefonema de um senhor, que queria entrevistar o meu marido para um trabalho. Apresentaram-se 27 candidatas para o mesmo trabalho, mas o escolhido foi o meu marido.

No dia 1.º começou a trabalhar. Isto foi tudo: o Padre escutou minhas orações, porque antes tivera muitas entrevistas e sempre eram outros os escolhidos.

(M. S. A., de Oviedo)

COMUNGOU

Tenho uma filha de quinze anos que me trazia preocupada, pois fazia tempo que tinha deixado de se confessar. Seu pai e eu procurávamos por todos os meios convencê-la a fazê-lo e rezávamos.

Logo que soube da morte de Mons. Escrivá de Balaguer, pedi a sua intercessão. Minha filha, sem resistência, foi-se confessar, e neste domingo, com todos da família, como sempre fazia antes, comungou

(J. A. J., de Granada)

ACERTOU-SE A VIDA DO CASAL

Eu estava muito preocupada, porque uma minha irmã estava tendo problemas com o marido. Pedi ao Senhor, através do Padre, que acabava de falecer, que a ajudasse a salvar seu casamento.

Depois de uma semana, tudo se arrumou de uma maneira incrível, e estou certa de que o Padre teve a ver com isso.

(T. N., da Guatemala)

CONFESSOU-SE

A sogra de P. de P. estava com câncer há bastante tempo e ultimamente o seu estado era grave. Preocupava-o que ela morresse sem voltar aos Sacramentos, que havia abandonado há vários anos. Tinha-lhe insistido em que se confessasse, mas sem esperar qualquer resposta positiva.

Recém-falecido o Padre, pediu-lhe que intercedesse diante do Senhor para que a sua sogra se confessasse. No dia seguinte, pela manhã, telefonou para cumprimentá-la e soube que acabava de se confessar.

Havia 40 anos que não se confessava.

(X. X., de São José da Costa Rica)

UMA SITUAÇÃO CRÍTICA

A partir de setembro de 1974, minha mãe, Da. L. G. W., moradora em São Paulo, passou a sofrer de um progressivo estreitamento do esôfago, que a obrigou a ir abandonando, paulatinamente, a ingestão de alimentos.

Foi assim atravessando diversos períodos bastante críticos, com perigo de vida. Ora, a situação era tanto mais grave quanto já fazia cerca de 35 anos que ela não frequentava os sacramentos, só indo esporadicamente à Missa.

Logo após a morte do Padre, iniciamos novenas contínuas, pedindo que ela se confessasse e comungasse e — desde que fosse para o bem dela — que melhorasse do mal físico que a afligia.

No dia 16 de julho de 1975 — dia de Na. Sa. do Carmo, de quem desde moça foi mui devota — minha mãe, então com 76 anos de idade, confessou-se.

A 18 de janeiro de 1976, após duas transfusões de sangue e diversas de soro, o médico deu-lhe apenas uns dez dias de vida, pois estava totalmente desidratada, e havia 15 dias que nem sequer saliva engulia. A única alternativa possível era fazer traqueotomia imediatamente, coisa que no caso era arriscada, um vez que sofria de disritmia e bloqueio de um ramo do coração.

Continuando a pedir a intercessão do Padre, 24 horas depois deste diagnóstico começou a melhorar sem nenhuma intervenção médica, passando a alimentar-se primeiro por líquidos e, depois, por sólidos. Hoje alimenta-se e locomove-se normalmente, dando sinais de uma melhora permanente. Os médicos nunca esperavam tal resultado do tratamento efetuado.

Eu atribuo esta rápida recuperação e estas graças à intercessão do Padre.

(L. C. G. W., de São Paulo)

VOU-ME CONFESSAR

A senhora G. G. tinha-me falado da sua preocupação pelo marido, que há bastante tempo não se aproximava do Sacramento da Penitência, e era algo que já se notava nas suas atitudes. Ao saber da morte de Mons. Escrivá de Balaguer, impressionou-se — tinha-o visto num documentário —, e imediatamente a esposa disse que sem egoísmo lhe encomendara fortemente a confissão do marido. No domingo seguinte, foram à Missa, e notou que o marido estava nervoso. Por fim, levantou-se e disse: “vou-me confessar”; assim fez e comungou naquela Missa. “Eu ofereci a Comunhão ao Padre agradecendo-lhe aquele favor”.

(M. E. P. M., do México, D. F.)

MEU PAI COMPREENDEU

Comecei uma novena ao Padre, pedindo-lhe que meu pai mudasse de atitude, já que estava há cinco meses aborrecido por causa do meu casamento e, praticamente, não falava comigo.

Poucos dias depois, meu pai compreendeu tudo e voltou a comportar-se como sempre.

(I. S. e S. T., de Madrid)

NÃO HAVIA REMÉDIO

No dia 7 de julho, segunda-feira, recebi um telefonema de minha prima, M. J. del C. A., que me dizia: “Ligo para te contar o que nos fez o Padre. Lembra-te da minha sobrinha M. E. A. G., que estava muito mal? Eu disse a minha mãe: peçamos ao Padre para que interceda por ela no céu e o Senhor a cure ou a leve, porque não há remédio. E, graças a Deus, já está bem”.

(E. del C., da Guatemala)

MELHORA DE SAÚDE

Faz tempo que meu pai não se encontrava bem de saúde e, nos últimos meses, piorou de tal maneira que cheguei a estar seriamente preocupado, pensando na melhor maneira de ajudá-lo.

Falei com o meu diretor espiritual, e ele me sugeriu que fizesse uma novena pedindo ao Senhor a sua cura por intercessão do Fundador do Opus Dei. Dois dias depois de iniciar a novena, meu pai sentiu-se muito melhor e os resultados dos exames foram muito bons. Desde aquele momento continua em franca recuperação.

Fiquei muito impressionado, porque era a primeira vez que minha oração era ouvida de maneira tão rápida e patente. Estou certo de que o Padre entendeu os meus sentimentos. Precisamente porque teve tanto coração, compreendia as íntimas preocupações familiares e, de maneira especial, o carinho filial.

Desde então, recorro com muita frequência à intercessão do Padre.

(J. S., de Sydney, Austrália)

A todos os que obtiverem graças por intercessão de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer, pede-se o favor de as comunicarem a esta Vice-Postulação.

Caminho

"Monsenhor Escrivá de Balaguer escreveu algo mais do que uma obra prima: escreveu inspirando-se no seu próprio coração, e é também diretamente ao coração que chegam os breves parágrafos que, como versos soltos, mas completos, formam CAMINHO..., em que não aparece a rigidez desconfiada de um "código", mas, pelo contrário, a fraterna e ardente indulgência do Autor, a paterna solicitude com que vê, compreende, corrige, persuadindo e não ameaçando" (De "L'Osservatore Romano", 24-III-1950).

A primeira edição deste livro saiu em fevereiro de 1934 (Cuenca, Imprensa Moderna), sob o título de **Considerações Espirituais**. Desde então, as edições foram-se multiplicando rapidamente, alcançando, em fins de 1975, um total de 128 edições, em 31 línguas e 2.485.906 exemplares.

Santo Rosário

Livro de meditações sobre cada um dos 15 mistérios da vida de Cristo e da Virgem que se contemplam ao rezar o Santo Rosário.

A primeira edição foi publicada também em 1934. Desde então, apareceram 35 edições em dez línguas.

Questões atuais do Cristianismo

Várias revistas e jornais dirigiram perguntas concretas a Mons. Escrivá de Balaguer, tocando os temas de maior importância para os seus leitores. Mons. Escrivá de Balaguer respondeu por escrito e exaustivamente às perguntas que lhe fizeram. Neste livro reúne-se o texto completo daquelas entrevistas.

A primeira edição foi publicada em 1968. Até 1975, foram publicadas 26 edições em sete línguas.

E' Cristo que passa

O livro reúne algumas das muitas homilias pronunciadas por Mons. Escrivá de Balaguer ao longo de sua vida. Constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristãs. Na forma fundem-se a profundidade teológica e a clareza de exposição.

A primeira edição deste livro é de março de 1973. Até agora apareceram 24 edições em seis línguas.

La Abadesa de las Huelgas

Uma investigação penetrante sobre um caso extraordinário de jurisdição quase-episcopal por parte da abadessa do famoso mosteiro de Burgos, realizada com base nas fontes e documentos originais.

A primeira edição foi publicada em 1944. A segunda é de 1974

ORAÇÃO

para a devoção privada

O Deus, que concedestes inumeráveis graças ao vosso servo Josemaria, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelissimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres cotidianos do cristão, fazei que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar, e de servir com alegria e com simplicidade a Igreja, o Romano Pontífice e as almas, iluminando os caminhos da terra com o resplendor da fé e do amor. Dignai-Vos glorificar o vosso servo Josemaria, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço... (peça-se). Assim seja.

Pai Nosso, Ave-Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que com esta **Folha informativa** em nada se pretende prevenir o juízo da Autoridade eclesiástica, e que esta oração não tem finalidade alguma de culto público.

Esta **Folha informativa** é distribuída gratuitamente. Os que desejarem contribuir com suas esmolas para as despesas de edição e de envio desta publicação, podem remeter esses donativos, por vale postal ou por cheque nominal, à **Vice-Postulação do Opus Dei no Brasil**, Av. Prof. Alfonso Bovero, 239, CEP 01254, São Paulo, SP.

Agradecemos aos nossos leitores que nos enviem os nomes e os endereços de pessoas que possam estar interessadas em receber esta **Folha informativa** ou estampas com a oração para a devoção privada.

Setembro 1976